

O EVANGELHO DE LUCAS ENQUANTO FONTE HISTÓRICO-BIOGRÁFICA¹

Samuel Nunes dos Santos*

<http://lattes.cnpq.br/7943876432584921>

Resumo:

O nosso objetivo no presente artigo é avaliar o evangelho de Lucas enquanto uma fonte histórico-biográfica. Para tanto, analisaremos algumas palavras/expressões contidas no texto grego em que ele foi escrito e sua vinculação com o trabalho de um historiador em aspectos tais como: caráter narrativo, discurso de verdade, organização dos fatos, pesquisa. E, apresentaremos, em forma narrativa, uma síntese das informações colhidas em Lucas sobre o Jesus Histórico.

Palavras-chaves: Fonte Histórica, Biografia, Jesus Histórico, Discurso de verdade

Abstract

Our aim in this article is to evaluate the gospel of Luke as an historical-biographical source. To this end, we analyze some words/expressions in the Greek text in which it was written and its link with the role of a historian on aspects such as: character narrative discourse of truth, organization of events, research. And we will present, in narrative form, a summary of information collected in Luke about the Historical Jesus.

Key-words: Historical Source, Biography, Historical Jesus, Discourse of truth

¹ O presente artigo é uma atualização/adaptação do primeiro capítulo da monografia defendida no final de 2008, mais especificamente o capítulo 3.

* Mestrando em História pela UFG. Orientadora: Ana Teresa Marques Gonçalves. Título da pesquisa atual: A Identidade do Cristianismo Primitivo nas Obras de Justino de Roma.

No entusiasmo de suas descobertas a alta crítica submeteu o Novo Testamento a provas de autenticidade tão severas, que, se as aceitarmos em outros campos, um cento de verdades históricas, como Hamurabi, Davi, Sócrates passará para o campo da lenda. (DURANT, apud: GIORDANI, 2002: 309).

A tarefa de analisar o *Evangelho de Lucas* no Brasil² envolve inúmeros problemas. Primeiramente, a fonte com que se trabalha geralmente encontra-se em português, que além de possuir várias versões contém erros de tradução gravíssimos. Em segundo lugar, se isso não bastasse, não existe a possibilidade de se trabalhar com o texto no original, pois se perdeu devido à fragilidade dos materiais nos quais eram escritos (geralmente, papiro, mas também, pergaminho)³. Houve com isto a necessidade de se fazerem cópias que, conseqüentemente, ocasionaram vários erros tanto por desleixo do copista quanto intencionais⁴ (BITTENCOURT, 1984: 157-165; PAROSCHI, 1999: 93-103; EHRMAN, 2006: 55-79 e 161-185). E, ainda que os tivéssemos, existe uma terceira problemática: a comunidade cristã primitiva, onde os Evangelhos foram “editados”, era formada basicamente por judeus, ou seja, o idioma natal era o aramaico, o que nos revela que o tão sonhado texto autógrafo seria insuficiente para uma compreensão exata do mesmo, haja vista a mensagem ter sido verbalizada em um idioma e escrito em outro⁵.

Os problemas acima mencionados não descaracterizam o *Evangelho de Lucas* enquanto fonte histórico-biográfica, uma vez que o trabalho do historiador ao se deparar com qualquer documento é, em primeira instância, o de inquirir, “interrogar as fontes acerca do que ocorreu no passado” (RÜSEN, 2001: 32), porém, é de suma importância saber inquirir, é importante saber como deixar a fonte falar, é preciso ouvi-la e saber ouvi-la: “Pois, os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001: 79).

² Tais problemas se inserem em qualquer idioma atual. Aqui restrinjo à origem onde está sendo realizado o trabalho.

³ A crítica textual avalia otimistamente que atualmente alcançou em torno de 99% do texto original. (PICKERING: 128-129).

⁴ Ao copiar um texto (principalmente se for longo como a Bíblia) em nossa própria língua, bastará uma revisão superficial para notar vários erros ortográficos. Imagine isso em grego, sabendo-se que muitos dos copistas não eram profissionais (EHRMAN, 2006: 57-61).

⁵ André Chouraqui, em sua tradução do *Evangelho de Lucas* busca, através do texto grego, as palavras hebraicas e aramaicas que melhor representariam a situação apresentada pelo evangelista. Certamente isso não soluciona o problema, porém, é uma proposta interessante que nos oferece outra visão do contexto judaico em que ocorreram os fatos (CHOURAQUI, 1996: 8-9).

Isso não facilita o trabalho de detectar aquilo que pode ser considerado como histórico-biográfico no Evangelho atribuído a Lucas. Mas qualquer fonte enfrenta os mesmos problemas, umas mais, outras menos. Por isso, é necessária uma metodologia, uma crítica, uma análise, uma pesquisa, uma ιστορία (*istoria*) para extrair de um documento aquilo que possa aclarar e que seja identificável enquanto dado histórico, que seja passível de comprovação documental.

O *Evangelho de Lucas* possui um rico material histórico-biográfico sobre Jesus. Várias obras que buscaram reconstituir a vida de Jesus utilizaram este evangelho como fonte principal, senão única. Uma destas pode ser vista no filme produzido pelo cineasta judeu-alemão John Heyman, cujo título é *Jesus*. Apesar de sua pretensa objetividade, é interessante a informação contida na caixa que envolve a fita de vídeo cassete:

Quem foi, na realidade, Jesus Cristo? O consagrado produtor John Heyman responde a esta pergunta no filme – JESUS – o mais autêntico filme bíblico produzido. Você se sentirá na própria Palestina do primeiro século, ao lado do Senhor.

Equipes técnicas pesquisaram cuidadosamente aspectos como: vestuário, arquitetura, costumes e até mesmo alimentação característicos da época; para que o filme obtivesse maior autenticidade. JESUS foi filmado em Israel, exatamente nos lugares citados pela Bíblia. Seu elenco conta com mais de 5.000 israelitas e judeus. Cada palavra proferida por Jesus veio do texto do *Evangelho de Lucas*.

Uma sinopse do *Evangelho de Lucas* pode ser vista na seguinte estrutura: o autor inicia o seu livro revelando o porquê o escreveu, para quem e como. A seguir apresenta o anúncio e o nascimento de João Batista e de Jesus, e a apresentação de Jesus no templo. Posteriormente, introduz o ministério de João Batista. Para tanto ele o conecta a história universal (Roma), à judaica e ao Antigo Testamento. Apresenta a pregação de João Batista, o batismo de Jesus e uma árvore genealógica deste. A partir da experiência do deserto, Jesus começa o seu ministério. Finaliza com a traição de Judas, e a conhecida História da Paixão, culminando na ressurreição e na ascensão aos céus.

Não se sabe quem é o verdadeiro autor deste evangelho, pois nenhum evangelho indicava o seu autor. A autoria de Lucas é apoiada pela tradição pós-apostólica⁶ (MORRIS, 1983: 12-13). Pouco se sabe sobre ele. O que se pode saber

⁶ A autoria lucana é atestada por: Marciom, um herege do século II a.C.; num fragmento do *Murator* (uma lista de livros do Novo Testamento considerada como aceitos que circulava no século II a.C.); no *Prólogo anti-Marcionita* de Lucas, e por alguns pais da Igreja como Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, etc. (MORRIS, 1983: 12-13).

é o que se deduz a partir dos seus escritos, de algumas referências a ele nas cartas paulinas e em poucos escritos da tradição cristã. Paulo refere-se a ele como “o médico amado” (Cl 4.14). A crermos no *Prólogo anti-Marcionita* de Lucas temos a informação de que ele era de Antioquia, escreveu o seu evangelho na Acaia, e viveu até os 84 anos, solteiro e sem filhos (MORRIS, 1983: 13). Através de suas obras percebe-se que possui um estilo literário bastante refinado. O que revela que possuía um excelente conhecimento da língua grega. Outra obra lhe é atribuída: *Os Atos dos Apóstolos*. Pode-se dizer que ele escreveu uma obra em dois volumes. Na primeira, procura descrever os acontecimentos ocorridos um pouco antes do nascimento de Jesus e finaliza com o momento da assunção deste aos céus. Na segunda, focaliza sua atenção na narração dos fatos posteriores à assunção de Jesus, isto é, na história da Igreja Primitiva e vai até a prisão de Paulo em Roma.

A nossa análise abarcará, principalmente, o prólogo lucano, algumas passagens que possuem conexão com a história mais geral da época e com a história do cotidiano judaico. Além disso, será interessante demonstrar, dentro desses três pontos, alguns outros aspectos relacionados a um relato historiográfico da época: caráter narrativo, discurso de verdade, organização dos fatos, pesquisa (heurística). Esses aspectos ficarão evidentes, como se verá, não só no prólogo como em inúmeros fragmentos deste evangelho. Apresentaremos os versículos importantes para a nossa pesquisa, traduzindo, detalhando e analisando as palavras gregas neles utilizadas, se necessário, e em seguida, teceremos um comentário sobre o mesmo. Por último, “desenharemos” algumas características de Jesus que podem ser vistas a partir do material biográfico retirado do *Evangelho de Lucas*.

3.1. O prólogo lucano (Lucas 1:1-4)

- 1 Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram,
- 2 Segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra,
- 3 Pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio;
- 4 Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado.

O prólogo lucano possui um estilo historiográfico basicamente helenista. As palavras que ele utiliza, a estrutura e a forma revelam que o autor tinha um razoável conhecimento do modo grego de escrever história. Dois grupos de

palavras são fundamentalmente importantes para analisarmos a familiaridade do autor com os escritos gregos: aquelas que são próprias do gênero histórico, como é o caso de: διηγησιν (*diêghesin*): narração; πραγμάτων (*pragmatôn*): fatos; παρεδосαν (*paredosan*): transmitiram; αυθοτοπται (*autoptai*): presenciaram; γραψαι (*grapsai*): descrevê-los; ακριβως (*acribôs*): minuciosamente; ασφαλειαν (*asfaleian*): certeza; e λογων (*logôn*): coisas. E aquelas que também merecem destaque devido a sua importância na construção textual lucana, são elas: εθπειδηπερ (*hepeidêper*): tendo, pois; πολλοι (*polloi*): muitos; επεξειρησαν (*epecheirêsan*): empreendido; αναταχασθαι (*anataczasthai*): pôr em ordem; πεπληροφορημενων (*pepleroforêmenôn*): cumpriram; e καθεχηρ (*cathexês*): por sua ordem⁷. Começamos a análise pelo primeiro grupo:

διηγησιν (*dieghesin*) significa “conto, narração, exposição” (PEREIRA, 1998: 143). Reinnecker e Rogers traduzem como “narrativa”, e acrescentam que “indica a narração de um relatório autêntico com boas testemunhas” (REINNECKER & ROGERS, 1995: 102). Aqui se equipara a “descrevê-los” do versículo três. Porém, no primeiro caso, outros escritores compuseram uma narração dos fatos – διηγησιν; no segundo, é a vez de Lucas descrevê-los – γραψαι (*grapsai*). Vine salienta que διηγησιν é “cognato de *diegeomai* (διηγεομαι)”, que significa: “expor em detalhes, recontar, descrever” (VINE, 2002: 813). Em Isidro encontra-se ainda: “contar, expor, descrever pormenorizadamente” (PEREIRA, 1998: 143). Esse termo é bem familiar em vários gêneros, principalmente nos historiográficos, pois a narrativa é própria da história. Narrar fatos, eventos faz parte da função do historiador. “A história é a narrativa dos acontecimentos; tudo o mais vem daí” (VEYNE, apud: RÜSEN, 2001: 149). Heródoto narra as guerras Greco-Pérsicas⁸; Tucídides, os fatos concernentes a guerra do Peloponeso; e Lucas narra a história de Jesus de Nazaré, o filho do homem, com seus aspectos humanos e com seus milagres.

O termo διηγησιν (*dieghesin*) aparece onze vezes nas obras do historiador hebreu Flávio Josefo; quatro vezes, em Plutarco; e quarenta, em Políbio. O verbo

⁷ O texto grego utilizado é o estabelecido pela Trinitarian Bible Society que segue a edição de Beza de 1598.

⁸ Guerra entre os gregos e os persas ocorrida entre os anos 490-480 a.C.

διηγεομαι (*diegheomai*) aparece quarenta e uma vezes em Josefo; cinco, em Plutarco; cinco, em Políbio; e cinqüenta, em Xenofonte⁹.

πραγμάτων (*pragmatôn*) vem de πραγμα (*pragma*) que significa “negócio, ato, ação, atividade, operação, obrigação, empresa... o que está feito, coisa, acontecimento... circunstâncias, assuntos” (PEREIRA, 1998: 476); ela deu origem também à palavra πραγματεία (*pragmateia*) que significa: “ocupação, aplicação, estudo, trabalho, negócio... maneira de tratar um assunto, obra histórica” (PEREIRA, 1998: 477). No texto lucano apresenta o sentido de eventos ocorridos, fatos, acontecimentos. É uma palavra muito comum em textos da Antiguidade e utilizada em sentidos amplos.

παρεδοσαν (*paredosan*) vem de παραδίδωμι (*paradidômi*) e quer dizer “entregar, transmitir na forma oral ou escrita” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102). Isidro traz: “transmitir, dar de mão em mão, transmitir por sucessão, legar à posteridade” (PEREIRA, 1998: 429), o que confirma que Lucas busca narrar o que foi transmitido pela tradição.

Outra palavra bastante peculiar a um historiador grego antigo é αὐτοπται (*autoptai*) de αὐτοπτηρ (*autoptês*) que quer dizer “testemunha ocular” (PEREIRA, 1998: 94). Flávio Josefo e Heródoto a utilizam cinco vezes; Políbio, vinte e duas; e Xenofonte, apenas duas vezes – uma em *Ciropedia*, outra em *Helênicas*¹⁰. Rienecker e Rogers dizem que “isto reflete a convicção de que a fé cristã está arraigada, não na criação especulativa, mas na realidade histórica”, e acrescenta: “as testemunhas oculares são uma garantia de Lucas quanto à veracidade do relato” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102). É muito comum nos historiadores antigos o apelo às testemunhas oculares para mostrar a veracidade dos eventos narrados. Políbio nos mostra a preeminência dos testemunhos:

A natureza nos deu dois instrumentos, digamos assim, com a ajuda dos quais nos informamos e investigamos a respeito de tudo: a audição e a vista. A vista é o mais verídicos dos dois, e muito, segundo Herácleitos (“os olhos são testemunhas mais acuradas que os ouvidos”). Ora: Tímaios escolheu para as suas investigações o mais agradável dos dois caminhos, mas também o pior, pois

⁹ Dados coletado em:

<http://www.perseus.tufts.edu/cgibin/persfreq?lookup=dih/ghsis&lang=greek&bytepos=349491&wordcount=1&doc=Perseus:text:1999.01.0155&formentry=0>, acessado em 12/08/2008

¹⁰

<http://www.perseus.tufts.edu/cgibin/persfreq?lookup=au/to/pths&lang=greek&bytepos=349711&wordcount=1&doc=Perseus:text:1999.01.0155&formentry=0>. Acessado em 13/08/2008.

absteve-se totalmente de usar os seus olhos e deu preferências aos ouvidos. E sendo de duas espécies o conhecimento por via da audição, Tímaios seguiu diligentemente uma delas – a consulta dos livros, como já tive ocasião de dizer –, porém foi muito negligente quanto ao uso da outra, ou seja, a interrogação de testemunhas vivas. (POLÍBIO, *História*, XII, 27).

Nosso evangelista não foi uma testemunha ocular dos fatos que narra, mas parece ter tido algum contato com algumas testemunhas diretas dos fatos, o que dá certa autoridade ao seu trabalho. No entanto, mesmo esses testemunhos possuem suas próprias complicações, como evidencia Tucídides:

O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, I, 22).

É preciso analisar cada testemunho, verificar as discrepâncias e decidir. É o historiador quem decide, mas só deve fazê-lo depois de acurada pesquisa. Para isso o autor do evangelho enriquece o seu trabalho de pesquisa com ακριβως (*acribôs*) traduzido acima como “minuciosamente”. Rienecker e Rogers traduzem como “acuradamente” e informa que este termo “indica o caráter meticoloso das pesquisas” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102). A palavra tem origem em ακριβης (*acribês*), que quer dizer “exato, seguro, diligente, escrupuloso, justo, que se adapta perfeitamente” e, também no verbo ακριβοω (*acriboô*), que possui o significado de “fazer qualquer coisa com exatidão, conhecer, saber, averiguar com exatidão.” (PEREIRA, 1998: 23).

ασφαλειαν (*asfaleian*) quer dizer “certeza, segurança, ‘a verdade’ acerca de algumas questões relatadas ou discutidas. A posição da palavra lhe dá sua ênfase solene. Teófilo¹¹ deverá saber que a fé que abraçou tem um alicerce histórico impregável” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102). O texto revela a preocupação de Lucas em assegurar a veracidade dos fatos, em confirmar ao receptor da obra aquilo pelo qual ele já possui certo conhecimento.

O termo λογων (*logôn*) possui significado bastante amplo:

¹¹ Teófilo é o destinatário da obra de Lucas. Não se sabe nada dele além da citação lucana. Supõe-se que era alguém importante devido à forma como o autor lhe saúda “ó excelente Teófilo”. Esta forma de saudação foi usada também por Paulo, o apóstolo, em referência ao governador da Judéia Pórcio Festo (v. *Atos dos Apóstolos* 26:25).

Palavra, dito, revelação divina, resposta dum oráculo, máxima, sentença, exemplo, decisão, resolução, condição, promessas, pretexto, argumento, ordem, menção, notícia que corre, conversação, relato, matéria de estudo ou de conversação, razão, inteligência, senso comum, a razão de uma coisa, motivo, juízo, opinião, estima, valor que se dá a uma coisa, justificação, explicação, a razão divina (PEREIRA, 1998: 350).

No prólogo, o termo é traduzido simplesmente como “coisas”, e refere-se ao conteúdo de conhecimento que Teófilo já possuía da mensagem das “boas novas”. É interessante notar que em Atos 1:1, Lucas, ao se referir a seu evangelho, escreve desta forma: “Fiz o primeiro tratado ó Teófilo”. Tratado aqui é o mesmo termo λογον (cf. Η Καινη Διαθηκη: 218), que neste caso indica um gênero específico.

No segundo grupo, a primeira palavra que temos é εθπειδηπερ (*epeidêper*) que é traduzida por “Tendo, pois”. Ela é formada por εθπειδη (*epeidê*) que significa: “depois que, quando, pois que, posto que” (PEREIRA, 1998: 205), é uma conjunção temporal, refere-se a algo que ocorreu num determinado tempo; e pela partícula adverbial περ (*per*), cujo significado é: “certamente, completamente, ainda que” (PEREIRA, 1998: 446). Rienecker e Rogers traduzem toda expressão por “considerando que”, e acrescentam que ela expressa “causa c/ (sic) referência a um fato já bem conhecido” (RIENECKER E ROGERS, 1995: 102). Enfim, é um vocábulo que pretende exprimir a certeza de um fato ocorrido num tempo específico: “depois que”.

O vocábulo seguinte é πολλοι (*polloi*), que quer dizer muitos, numerosos, grande – no sentido de quantidade (PEREIRA, 1998: 472). O que revela que já havia muitos outros evangelhos, ou obras semelhantes a um evangelho, na época que Lucas se propõe a escrever o seu, e que com certeza alguns deles serviram de fonte para que ele fizesse a sua obra. É possível que um dos fatos que levou Lucas a escrever o seu evangelho foi ter notado que estas demais obras geralmente eram mais [1] resumidas, ou [2] fixam a narrativa em apenas um período (ou [2a] na infância, ou [2b] a partir de seu ministério terreno até à sua ascensão aos céus); ou ainda, [3] eram formadas apenas de ditos, não possuíam uma forma narrativa; e por último, [4] várias que possuíam assuntos que para Lucas, talvez parecessem irrelevantes e/ou mirabolantes¹².

¹² Alguns desses padrões podem ser observados não só em alguns dos evangelhos canônicos como em alguns ditos apócrifos. Como por exemplo: em [1] O Evangelho de Bartolomeu (PROENÇA, 2005: 567-579); em [2a], o Evangelho do Pseudo-Tomé (PROENÇA, 2005: 509-515); em [2b], o Evangelho de Pedro (PROENÇA, 2005: 581-585); em [3], o evangelho de

A palavra traduzida por “empreendido” é no grego *ε9πεξείρησαν* (*epecheirêsan*), que segundo Rienecker e Rogers significa: “por a mão em, empreender, tentar” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102).

Estas primeiras palavras parecem indicar a possibilidade de que o contato com várias obras¹³ sobre Jesus tenha despertado em Lucas o desejo de escrever sobre os mesmos fatos, claro que com sua visão própria deles, com uma interpretação pessoal dos eventos, e com suas características literárias específicas. Posteriormente, ele deve ter investigado e analisado algumas outras obras, o que somado a entrevistas com algumas testemunhas veio a conduzi-lo a consumir seu evangelho.

O termo seguinte é *ἀνατά/χασθαι* (*anatazasthai*), que tem origem em *ἀνατά/σσω* (*anatassô*), e quer dizer: “dispor numa fileira, voltar a ordenar, colocar em ordem” (RIENECKER e ROGERS, 1995: 102). Isidro traz ainda: “referir, contar, percorrer em ordem” (PEREIRA, 1998: 44). Tal expressão denota que os demais autores procuraram também dispor, com certa ordem (cronológica, lógica ou temática), os eventos referentes à história de Jesus.

Em seguida temos *πεπληροφορημένων* (*peplêroforemenôn*), que literalmente significa “cumpridos”¹⁴. Esta é a forma verbal do particípio perfeito passado de *πληροφορεω* (*plêroforeô*), que quer dizer: “encher completamente, cumprir, ou no sentido de estar plenamente persuadido ou de estar realizado” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102). Isidro traz: “desempenhar uma função”, “ser plenamente acreditado, ser objeto de certeza plena” (PEREIRA, 1998: 463). A expressão “se cumpriram” é uma das que denotam o discurso de verdade lucano. O evangelista está dizendo que o que os outros escritores narraram e o que ele irá narrar são fatos que fazem parte do mundo real, eles realmente aconteceram. Não se pretende narrar nada fictício.

καθεχη (*cathexês*), nossa última palavra, significa “em ordem, um após o outro, sucessivamente”; Rienecker e Rogers esclarecem que “pode referir-se à

Tomé que se caracteriza como uma coletânea de ditos de Jesus (PROENÇA, 2005: 587-597); e em [4], o Proto-evangelho de Tiago (PROENÇA, 2005: 519-530) parece se enquadrar, haja vista que Lucas possivelmente não tenha achado relevante contar uma história de como a mãe de Maria a concebeu. Pode-se cogitar que Lucas não teve acesso a nenhuma fonte, seja oral ou escrita, para obter tais dados, o que não cremos.

¹³ É bem provável que nem todos eram na forma de narrativa. Conforme foi visto no primeiro capítulo, uma das formas provavelmente eram os *logia*, que compreendiam quase que exclusivamente os ditos de Jesus (cf. também nota acima, item [3]).

¹⁴ Tradução literal proposta pelo Novo Testamento Interlinear da Sociedade Bíblica do Brasil, 2004: 206.

ordem tópica ou à cronológica” (RIENECKER & ROGERS, 1995: 102). Isidro traduz como “consecutivamente, em seguida” (PEREIRA, 1998: 285).

Estas palavras denotam a importância que o autor dá ao caráter de autenticidade de sua obra. Revelam a intenção do autor em desenvolver um texto narrativo/descritivo, o seu discurso de verdade (tão comum nos historiadores) e o seu trabalho de pesquisa. Em suma, ele descreve os fatos que foram transmitidos por pessoas que tiveram contato direto com as testemunhas oculares e informa que seu trabalho foi desenvolvido com minúcia, tendo por objetivo não só confirmar as informações que Teófilo já possuía, mas, acrescentar mais detalhes relevantes que auxiliariam seu receptor, na compreensão da fé cristã.

3.2. Lucas 2:1-7

- 1 E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse.
- 2 (Este primeiro alistamento foi feito sendo Quirino presidente da Síria).
- 3 E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.
- 4 E subiu também José da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi),
- 5 A fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.
- 6 E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.
- 7 E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Lucas começa a narrativa a respeito do nascimento de Jesus com o termo *εγενετο*¹⁵ (*egheneto*), que tem origem em *γίγνομαι* (*ghighnomai*) e significa aconteceu, existiu, houve, denotando o caráter de fato ocorrido, de discurso de verdade factual (PEREIRA, 1998: 114). Esta passagem, apesar da citação de algumas personalidades históricas, possui alguns problemas relacionados com o contexto histórico em que está inserido: o recenseamento a que Lucas se refere parece estar mal localizado no tempo, e possui características discrepantes em relação aos recenseamentos romanos. Para entender melhor esses problemas é

¹⁵ A palavra *εγενετο* ocorre aproximadamente 72 vezes em todo evangelho de Lucas, contra 13 vezes em Mateus, 18 em Marcos, 17 em João; e 54 vezes em Atos. Sendo que, em todo Novo Testamento, ela ocorre cerca de 206 vezes. A quantidade de vezes que ocorre em no Evangelho de Lucas representa cerca de 35% deste total. No Livro de Atos e no Evangelho de Lucas, somados, aparece 126 vezes, o que representa mais de 61% do total. A maior parte está relacionada a um contexto particular de Jesus, que por várias vezes se conecta a aspectos relativos ao estilo de vida judaico, isto é, estão diretamente ligados à vida cotidiana de Jesus.

necessário analisar duas questões fundamentais: o ano em que Jesus nasceu e como eram feitos os recenseamentos.

3.2.1. O ano em que Jesus nasceu: a confusão dos calendários

Os calendários sempre foram problemas desde a Antigüidade e mesmo nos dias de hoje. Um grande problema era ocasionado pela marcação do tempo: marcado tanto pelo sistema solar, com cerca de 365 dias; quanto pelo lunar, com cerca de 354 dias. Atualmente, sabe-se, mais precisamente, que o ano solar possui 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos aproximadamente. O que exige que se aumente um dia a cada quatro anos, este ano é chamado de bissexto¹⁶, ficando assim com 366 dias. Na Antiguidade, a inserção de mais um dia no calendário foi promovida por Júlio Cesar que ordenou a Sosígenes, astrônomo de Alexandria, que reformulasse o calendário romano com base no ciclo solar. O acréscimo de mais um dia ocorria a cada três anos. Só com o Imperador Otávio é que passou a ser de quatro em quatro anos. Nessa época o calendário era baseado na fundação de Roma, documentado em uma história lendária, na qual aparece Rômulo como o seu implantador. No início, era um calendário lunar¹⁷ de 304 dias, porém, Numa Pompílio estabeleceu um calendário luni-solar¹⁸ de 355 dias. (LE GOFF, 1990: 485-514; http://www.scipione.com.br/mostra_artigos.asp?id_artigos=22&bt=5. Acessado em: 13/08/2008; BORNECQUE & MORNET, 1976: 135-136).

O maior de todos os problemas ocorreu bem depois, no século VI, devido a um erro no cômputo das datas efetuado por um abade de nome Dionísio¹⁹, em sua obra *Libellus de ratione Paschae*. O Papa João I incumbiu este monge de fazer um calendário onde o ano 1 começasse pelo nascimento de Jesus. Ao fazer os seus cálculos, ele errou pelo menos em uns quatro anos. Ele chegou à conclusão de que o ano 754 AUC²⁰ representaria o ano 1, quando na verdade seria o ano 747 ou 749 AUC. O que fez com que o nascimento de Jesus fosse colocado entre os anos 4 e 6

¹⁶ Alguns sugerem que o nome bissexto (do latim: dois seis) se refere aos dois algarismos seis que aparecem no número 366, porém, a origem do termo vem da duplicação do sexto dia que antecedia o mês de *Martius* (equivalente ao nosso mês de Março). Como o mês romano começava no mês de *Martius*, essa duplicação servia para regularizar o calendário uma semana antes do ano novo (GEHRINGER, 2002: 22, verbete: Bissexto; BORNECQUE & MORNET, 1976: 137).

¹⁷ Baseava-se nos ciclos anuais da Lua.

¹⁸ Continuava baseando-se nas fases da Lua, mas adicionava-se mais um mês para se enquadrar ao ciclo anual do Sol.

¹⁹ Abade da Cítia, conhecido como o exíguo, isto é, o pequeno.

²⁰ As letras iniciais de *Ab Urbe Condita*, expressão latina que significa: desde a fundação da cidade, pois os romanos marcavam as eras tendo como referência a data da fundação de Roma (BORNECQUE & MORNET, 1976: 3; FEENEY, 2007: 140-141).

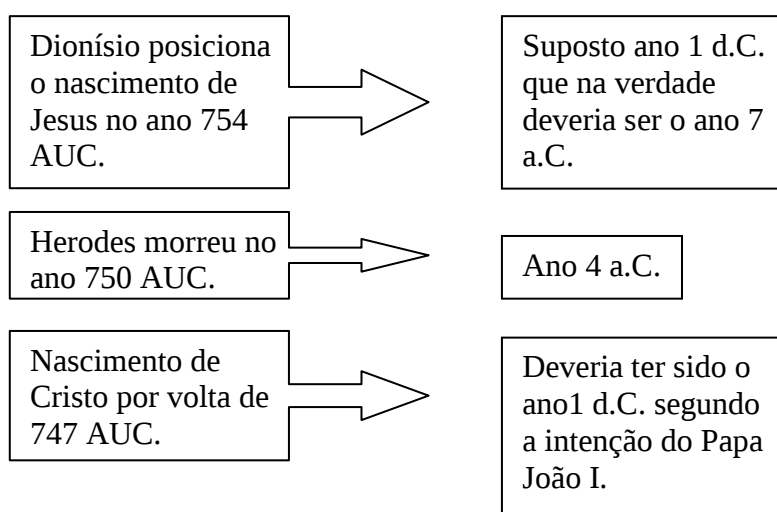
a.C., ao invés do ano 1 (CAIRNS, 1995: 38; LE GOFF, 1990: 488-522; MELLO, Hélio Campos. O Deus Invisível. Isto É. Editorial In: <http://www.terra.com.br/istoe/1629/1629editorial.htm>. Acessado em: 13/10/2008).

Outras correções no calendário foram feitas. A principal delas ocorreu no século XVI d.C., ordenada pelo Papa Gregório XIII. Este acatou o raciocínio desenvolvido pelo monge Roger Bacon, no século XIII d.C., que ao analisar o calendário da época (o Juliano), percebeu que ele era onze minutos maior que o ano solar, o que ocasionava um erro de um dia a cada 125 anos²¹.

3.2.2. O nascimento de Jesus

Segundo alguns estudiosos, Herodes, o Grande, morreu no ano 750 AUC. Mateus (Mt 2:1) informa que ele era vivo quando Jesus nasceu, o que leva a determinar uma data para o nascimento de Jesus antes da morte de Herodes.

Os cálculos para a morte de Herodes são baseados na informação dada por Josefo, em seu livro *Antigüidades Judaicas*, que diz que quando Herodes morreu ocorreu um eclipse lunar, o que alguns pesquisadores afirmam ter acontecido no ano 4 a.C. (FLÁVIO JOSEFO, *Antigüidades Judaicas*, XVII, 6, 4), contando que Jesus estava com dois anos quando Herodes recebeu a visita dos Magos (Mt 2:16) chega-se a conclusão de que Jesus tenha nascido realmente por volta do ano 747 AUC (cerca de 7 a.C.) (BROWN, 2005: 196-197). A relação abaixo explica melhor essa complicada matemática:



²¹ http://www.scipione.com.br/mostra_artigos.asp?id_artigos=22&bt=5. Acessado em: 13/08/2008.

Em suma, o ano 1 d.C., localizado por Dionísio no ano 754 AUC, na verdade representava o ano 747 AUC, o que faz recuar a data do nascimento de Jesus para o ano 7 a.C. Esse anacronismo produziu uma incoerência lingüística: Jesus nasceu antes dele mesmo. O que gramaticalmente falando é impossível tornou-se possível devido a esse equívoco.

Os dados fornecidos pelo historiador judeu Flávio Josefo informam sobre um recenseamento que é datado do ano 6 d.C. (MORRIS, 1983: 79), e não há nenhuma citação a um outro censo ocorrido no ano 6 a.C. muito menos sob Quirino, pois este foi procurador da Síria também no período de 6 d.C. Josefo conta que:

Cirênio²², senador romano, homem de grandes méritos e que depois de ter passado por todos os degraus da honra, tinha sido elevado à dignidade de cônsul, foi, como dissemos, incumbido por Augusto do governo da Síria com ordem de fazer o inventário de todos os seus bens particulares e Copônio que comandava um corpo de cavalaria, foi mandado com ele para governar a Judéia. Mas como aquela província acabava de ser anexada à Síria, foi Cirênio e não ele quem fez o inventário e que se apoderou de todo o dinheiro que pertencia a Arquelau.

Os judeus a princípio não puderam tolerar aquele inventário, mas Joazar, grão-sacrificador²³, filho de Boeto, persuadiu-os a não se obstinarem na oposição. Algum tempo depois, um certo Judas, gaulanita²⁴, da cidade de Gamala, ajudado por um fariseu de nome Sadoque incitou o povo a se rebelar, dizendo que o inventário outra coisa não era que uma manifesta declaração de que os queriam reduzir à escravidão e para exortá-los a manter sua liberdade, ele disse-lhe que, se o resultado de sua empresa fosse feliz, eles não gozariam com menos glória do descanso, como de seus bens; mas que eles não deviam esperar que Deus lhes fosse favorável se por seu lado eles não fizessem tudo o que era possível. (FLÁVIO JOSEFO, *Antigüidades Judaicas*, XVIII, 1).

Em Atos dos Apóstolos 5:37, Lucas parece citar esse mesmo recenseamento:

²² Quirino.

²³ Sumo Sacerdote.

²⁴ Galileu.

Depois deste levantou-se Judas, o galileu, nos dias do alistamento²⁵, e levou muito povo após si; mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos.

As informações acima revelam algumas incoerências com o relato de Lucas:

- Não se tem na história, exceto pelo relato de Lucas, outro relato que confirme um censo por volta do ano 6 a.C.;
- Não se conhece nenhuma fonte que informe que Quirino tenha sido governador da Síria no ano 6 a.C.²⁶;
- Não há registro de que o Imperador Otávio tenha ordenado um censo universal, ademais os censos eram, geralmente, locais (MORRIS, 1983: 78);
- Os recenseamentos não exigiam o retorno à cidade de origem (MORRIS, 1983: 80).

Restam-nos três possibilidades:

- Realmente houve um recenseamento por volta do ano 6 a.C. e somente Lucas relata o fato, o que é pouco provável;
- Lucas se equivocou nos dados históricos, isto é, esse recenseamento na verdade se refere ao de 6 d.C., mas foi colocado em um momento errado da história (um anacronismo). Um dos objetivos para esse erro pode ter sido devido a estrutura narrativa de Lucas que coloca Deus sempre como o Senhor da História, isto é, faz parte de uma estratégia textual lucana na qual se faz necessário relacionar os eventos concernentes a Jesus com a história universal;

Penso numa última teoria que resolveria apenas parte do problema, porém muito pouco provável: o versículo dois não existia na narrativa propriamente dita de Lucas. Pode ter sido um acréscimo posterior de um copista que tinha em sua memória um acontecimento que fazia parte da memória coletiva, e no momento da cópia do manuscrito achou por bem incluir o nome de Quirino como mais uma evidência que revela a historicidade do nascimento de Jesus. O grande problema dessa teoria é que em todos os manuscritos do Novo Testamento, que possuem essa passagem, consta também esse versículo. O máximo que há, são algumas variantes²⁷, e que não alteram muito o conteúdo do texto. Apesar dos problemas acima, algumas evidências são confirmadas:

²⁵ Recenseamento.

²⁶ Segundo Morris e Keller, há inscrições que mostram Quirino como comandante militar na Síria entre 10 e 7 a.C., mas, não como governador. Se como comandante ele realizou algum censo é impossível dizer. (MORRIS, 1983: 79; KELLER, 2005: 354, 355).

²⁷ As variantes ocorrem quando há várias maneiras de representação de um mesmo texto. Por exemplo, o texto em questão possui as seguintes variantes (WILLKER, 2007: 20):

- A existência real dos personagens citados;
- Houve um censo sob Quirino/César;
- E o título de presidente²⁸ (ἡγεμονευοντοφ = governar, ser governador) que correspondia aos títulos romanos *legatus* ou *procurator* (BROWN, 2005: 471).

Só a título de comparação, se algumas incongruências invalidassem uma fonte, Plutarco e Suetônio correriam sérios problemas. Por exemplo, em suas vidas de César relatam fatos discordantes:

- Plutarco refere-se a Públio Antônio quando na verdade o fato ocorreu com Caio Antônio Híbrida (MENDONÇA, 2007: 143);
- Plutarco equivoca-se dizendo que Marco Luculo era pretor da Macedônia, na verdade, ele era um “pretor peregrino em Roma” (MENDONÇA, 2007: 143);

No relato de Plutarco sobre o seqüestro de César por piratas, ele diz que este fato ocorreu quando César voltava da Bitínia (PLUTARCO, *Vida de César*, [1], 7-8), enquanto que Suetônio informa que foi numa viagem de Roma para Rodes (FONSECA, 2007: 139; SUETÔNIO, *O Divino Júlio*, [4], 1-2).

Vários outros problemas são facilmente identificáveis em suas obras, mas eles não invalidam nenhum desses documentos como fontes históricas. No cruzamento com outras fontes pode-se verificar um dado mais coerente. O último caso citado, por exemplo, mostra que ambos os autores concordam quanto ao local onde aconteceu o seqüestro: próximo à ilha de Farmacussa (SUETÔNIO, *O Divino Júlio*, [4], 1-2; PLUTARCO, *Vida de César*, [1], 7-8). É oportuna a frase de Will Durant, que diz (DURANT, apud: GIORDANI, 2002: 309):

No entusiasmo de suas descobertas a alta crítica submeteu o Novo Testamento a provas de autenticidade tão severas, que, se as aceitarmos em outros campos, um cento de verdades históricas, como Hamurabi, Davi, Sócrates passará para o campo da lenda.

Podem-se incluir aí com certeza muitas outras personagens históricas que virariam lendas se não se fizer uma análise coerente das fontes.

a) αυτή απογραφ πρώτη εγενετο ηγεμονευοντοφ τη Συρια Κυρηνιου.

b) αυτή η απογραφη πρώτη εγενετο ηγεμονευοντοφ τη Συρια Κυρηνιου.

c) αυτήν απογραφη ν εγενετο πρώτη.

d) αυτήν απογραφη ν εγενετο πρώτη.

e) αυτήν απογραφη.

As duas primeiras encontram na maioria dos manuscritos; enquanto que as três últimas em apenas um manuscrito cada uma.

²⁸ A melhor tradução para o termo seria governador, mas o termo no grego concorda com o seu correspondente no latim. Sua transliteração é: *êghemoneuontos*.

3.2.3. Lucas 3:1-6; 19-20

1 E no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos presidente da Judéia, e Herodes tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene,

2 Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias.

3 E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados;

4 Segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; Endireitai as suas veredas.

5 Todo o vale se encherá, E se abaixará todo o monte e outeiro; E o que é tortuoso se endireitará, E os caminhos escabrosos se aplanarão;

6 E toda a carne verá a salvação de Deus.

19 Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele (João Batista) por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, e por todas as maldades que Herodes tinha feito,

20 Acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere.

A passagem acima é outro exemplo da intenção lucana de vincular os fatos centrais de sua narrativa a um contexto mais amplo: a história romana. Seu objetivo é, antes de tudo, revelar o Deus da história, isto é, os eventos históricos são todos gerenciados por Deus. É o Deus imanente que faz parte da história como aquele que a controla. A estrutura da passagem obedece a esse objetivo, possui uma cadência: o imperador, os governadores, os sumos sacerdotes, a palavra de Deus vinda diretamente a João e a citação de uma passagem do Antigo Testamento. Constata-se, assim, que a legitimação de sua narrativa recebe aprovação na história secular por parte de eventos relacionados ao Império Romano (v. 1), que estão, por sua vez, ligados ao contexto de personagens da história de Israel (v. 2a); e a aprovação divina por meio da *Vox Dei*²⁹ dirigida a João (v. 2b), e de uma passagem profética que se refere a ele (v. 4-6). Ao fazer

²⁹ Voz de Deus.

desta forma, Lucas transmite muita segurança ao seu leitor, procurando não deixar nenhuma dúvida sobre a veracidade dos acontecimentos que descreve.

Essa visão de Deus como o Senhor da história é similar a de Políbio. Mas, Políbio usa a palavra Sorte, que também é chamada de Fortuna. A Fortuna era uma deusa que tinha a função de distribuir a felicidade ou a desgraça. Em sua *História* diz:

Com efeito, a originalidade de minha obra e o aspecto mais notável de nossa época consistem justamente nisto: a Sorte encaminhou por assim dizer todos os acontecimentos mundiais em uma única direção e os compeliu a orientar-se para um só e mesmo escopo; da mesma forma, um historiador deve apresentar diante de seus leitores em uma sinopse os eventos graças aos quais a Sorte produziu esses efeitos em toda parte para atingir o seu objetivo global (POLÍBIO, *História*, I, 4).

Lucas parece ter essa idéia em mente. Ele produz uma obra amalgamada com fatos históricos e teofanias³⁰. É Deus que produz os eventos históricos, que rege os acontecimentos. São as ações de Deus na história que dá movimento aos diversos processos históricos.

Vários nomes confirmadamente históricos são citados no fragmento: Tibério César, Pôncio Pilatos, Herodes, Filipe, Lisânias, Anás, Caifás, João Batista, etc. Este último é confirmado pelo próprio Josefo (*Antiguidades Judaicas*, XVIII, 7, 781), numa passagem que corrobora a história descrita em Lucas 3:19-20.

3.3. Τις εστιν Ιησους; (*Tis estin Iesus*) – Quem é Jesus?

Diante de notícias de que um curandeiro andava fazendo milagres pela Galiléia, Herodes pergunta: “quem é, pois, este...?” (Lc 9:9). Um cobrador de impostos chamado Zaqueu, com muita ansiedade, procurava saber “quem era Jesus” (Lc 19:3). Jesus já foi pintado de várias formas, já lhe deram características diversas, investigações e especulações foram e ainda são feitas para se descobrir quem foi este “Homem-divino” de que tanto se fala em todo mundo. Livros, filmes, revistas, enfim, todos os meios de comunicação não param de nos presentear com uma face nova de Jesus a cada dia. O *Evangelho de Lucas* nos oferece alguns traços específicos desse Galileu, traços mais precisos, que podem ser vislumbrados na conexão com o seu tempo, com a região em que vivia, com a religião de seu povo. O que se verifica é que alguns eventos narrados por Lucas estão mais

³⁰ Manifestações divinas no mundo humano.

circunscritos a aspectos do estilo de vida judaica. São momentos vivenciados por Jesus e estão conectados ao cotidiano de seu próprio grupo étnico-religioso, aos rituais e festas israelitas, tais como: a circuncisão de Jesus (Lc 2:21), a apresentação de Jesus no Templo (Lc 2:22-24), a preparação para a maioridade (Lc 2:41-42), o dia dos pães ázimos (Lc 22:7) e a Páscoa (Lc 22:8-20). Eles fazem parte da *Vita* de Jesus, e é por meio deles que podemos construir vários aspectos de sua biografia. Isto é o que procuraremos fazer, de forma sumária, no item abaixo. Passemos a descrever.

Em algum momento entre o fim do século I a.C. e o início do I d.C. nasce Jesus, segundo Lucas numa aldeia chamada Belém, situada na Judéia. Seu pai se chamava José, e sua mãe, Maria. Nessa época ainda governava o imperador Otávio (Lucas 2:1-7). Tendo sido criado dentro dos costumes judaicos, cumpriram-se nele todos os rituais religiosos. Ele foi circuncidado no oitavo dia, momento em que recebe o seu nome. Em seguida, foi levado para Jerusalém para ser apresentado no templo (Lucas 2:21-22).

Todos os anos sua família o levava para Jerusalém para celebrarem a Pessach (Páscoa Judaica). Aos doze anos de idade, numa dessas viagens, foi esquecido em Jerusalém. Quando seus pais perceberam que não estava na caravana de retorno à Nazaré, cidade onde moravam, voltaram para Jerusalém a fim de o encontrarem. Chegando lá o viram no templo a conversar com os intelectuais judeus e a interrogá-los. De sorte que era bastante elogiado pela sua sabedoria (Lucas 2:41-51). Após este episódio, só aparece novamente quando, com aproximadamente trinta anos, encontra-se com seu primo João Batista no rio Jordão. Neste momento, João Batista batiza Jesus, iniciando assim, o seu ministério de pregação e obras miraculosas em meio ao seu povo (Lucas 3:21).

Alia-se a ele cerca de doze judeus que são chamados de apóstolos, mas é certo que teve muitos outros seguidores (Lucas 5:1-11; 6:12-16; 10:1). Sua personalidade é forte e amável. Era sensível à situação de seu povo, por isso, algumas vezes chorou (Lucas 19:41). Por várias vezes demonstrou sua compaixão em relação ao necessitado, ao pobre, ao aflito (Lucas 10:33). Mas também tinha atitudes irascíveis quando via que o seu povo não honrava a Deus como se devia, por isso, expulsou os cambistas do Templo que comercializavam a fé (Lucas 19:45-48).

Sua pregação e sua interpretação liberal das leis judaicas contrariavam alguns grupos políticos judaicos, que buscavam então contradizê-lo (Lucas 20:1-8). Como não conseguiram, planejaram uma forma de matá-lo (Lucas 22:1-2). Aliciaram um de seus apóstolos para auxiliá-los no plano, o nome dele era Judas

Iscariotes (Lucas 22:3-6). A conspiração contra Jesus dá certo. Ele é preso, julgado e condenado à morte. Duas acusações pesavam sobre ele. Uma, concernente ao judaísmo; outra, ao Império Romano. Acusaram-no de se auto-proclamar filho de Deus e, depois, de se declarar rei. Às acusações que lhe atribuíam, ele simplesmente se silenciava. Sua condenação era a morte por crucificação, um tipo muito imputado na época a ladrões e opositores do Império que não eram cidadãos romanos (Lucas 22:47-23:56).

Considerações Finais

Por fim, podemos constatar que o *Evangelho de Lucas* possui diversos fragmentos biográficos passíveis de análise histórica, ricos em detalhes úteis na construção de uma *Vita* de Jesus. Pode-se observar que os aspectos histórico-biográficos detectados no evangelho, atribuído ao evangelista Lucas, revelam o interesse não de escrever uma biografia, mas de relatar eventos históricos. Sua preocupação é com os “fatos que entre nós se cumpriram”, e neles o seu principal personagem é Jesus. O relato destes fatos, o autor deste evangelho os denomina de tratado (*loghon*) em Atos 1.1: “Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo”.

Verificamos então que o *Evangelho de Lucas* não é uma obra biográfica sobre Jesus. Lucas escreveu em um gênero que estava nascendo naquele século: o evangelho. Nele se inseriram parábolas, sentenças, narrativas, alegorias e também fragmentos biográficos. O que se vê nele é uma variedade de gêneros muito grande. É coerente a afirmação de Klaus Berger que diz haver uma multiplicidade de gêneros nos Evangelhos, entre eles a biografia (KLAUS BERGER, 1998: 5-6). O material biográfico existente no evangelho lucano é suficientemente rico em detalhes da vida e pessoa de Jesus, o que possibilita a grande utilidade deste evangelho como fonte histórico-biográfica.

Documentação

Η ΚΑΙΝΗ ΔΙΑΘΗΚΗ. Trinitarian Bible Society. London: Tyndale House, 1994.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo da Mulher*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Belo Horizonte: Atos, 2002.

Novo Testamento Interlinear Grego-Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia**: Lucas (O Evangelho Segundo Lucas). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FLÁVIO JOSEFO. **História dos Hebreus: Obra Completa**. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

PLUTARCO. **Alexandre e César**. Tradução de Hélio Vega. São Paulo: Escala, s.d.

_____. **Alexandre o Grande**. Tradução de Hélio Vega. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

POLÍBIO. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1996.

SUETÔNIO & PLUTARCO. **Vidas de César**. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **A Vida dos Doze Césares**. Tradução de Sady-Garibaldi. São Paulo: Prestígio, 2003.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1999.

BIBLIOGRAFIA

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Tilgráfica, 1998.

- VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR., William. **Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BITTENCOURT, B. P. **O Novo Testamento: Cânon, Língua, Texto**. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1984.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORNECQUE, H.; MORNET, D. **Roma e os Romanos**. São Paulo: Edusp, 1976.
- BROWN, Raymond E. **O Nascimento do Messias: Comentário das Narrativas da Infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- DURANT, Will. *O Cristo Humano*. In: **O Livro de Ouro dos Heróis da História: Uma Breve História da Civilização, da Antigüidade ao Alvorecer da Era Moderna**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê**. São Paulo: Prestígio, 2006.
- FEENEY, Denis. **Caesar's Calendar: Ancient Time and the Beginnings of History**. Los Angeles: University of California Press, 2007. V. 65.
- FONSECA, Ísis Borges Belchior de. Nota de rodapé. In: **Vidas de César**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- GEHRINGER, Max. **Big Max – Vocabulário Corporativo: Origens e Histórias Curiosas de Centenas de Palavras para Você Digerir**. São Paulo: Negócio, 2002.
- GIORDANI, Mario Curtis. **História de Roma. Antigüidade Clássica II**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KELLER, Werner. **E A Bíblia Tinha Razão...** São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- MENDONÇA, Antônio da Silveira. *Introdução a Suetônio*. In: SUETÔNIO & PLUTARCO. **Vidas de César**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. P. 11-17.
- MORRIS, Leon L. **Lucas: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PICKERING, Wilbur. **Qual o Texto Original do Novo Testamento.**

PROENÇA, Eduardo de (Org.). **Apócrifos e Pseudo-Epígrafos da Bíblia.** São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

RENAN, Ernest. **Vida de Jesus.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Lingüística do Novo Testamento Grego.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica.** Brasília: Ed. UnB, 2001.

WILLKER, Wieland. **A Textual Commentary on the Greek Gospels: Luke.** Bremen, 2007. V. 3.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

<<http://www.perseus.tufts.edu/cgibin/persfreq?lookup=dih/ghsis&lang=greek&bytepos=349491&wordcount=1&doc=Perseus:text:1999.01.0155&formentry=0>>.

Acesso em 12/08/2008.

<[http://www.perseus.tufts.edu/cgibin/persfreq?lookup=au\)to/pths&lang=greek&bytepos=349711&wordcount=1&doc=Perseus:text:1999.01.0155&formentry=0](http://www.perseus.tufts.edu/cgibin/persfreq?lookup=au)to/pths&lang=greek&bytepos=349711&wordcount=1&doc=Perseus:text:1999.01.0155&formentry=0)>.

Acesso em 13/08/2008.

<http://www.scipione.com.br/mostra_artigos.asp?id_artigos=22&bt=5>. Acesso em: 13/08/2008.

Hélio Campos. O Deus Invisível. Isto É. Editorial In: <<http://www.terra.com.br/istoe/1629/1629editorial.htm>>. Acesso em: 13/10/2008.

DOCUMENTO AUDIOVISUAL

JESUS. Produção de John Heyman. São Paulo: Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. 1 fita de vídeo (90 min), VHS, son., color.